

UMA SOCIEDADE DE EMÍLIOS: A FORMAÇÃO MORAL NA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO DE JEAN-JACQUES ROUSSEAU

A SOCIETY OF EMILIES: MORAL FORMATION IN JEAN-JACQUES ROUSSEAU'S EDUCATION PROPOSAL

WHESLEY FAGLIARI DOS SANTOS

Resumo: O tema desta pesquisa é o sistema de educação elaborada pelo filósofo suíço Jean-Jacques Rousseau (1712-1778). O problema a ser investigado é o seguinte: como a educação no contexto individual do sujeito resolve as contradições e os desafios morais para a concretização de uma sociedade cuja composição do corpo político não venha a se corromper. O objetivo geral é investigar de que maneira Rousseau busca assegurar a possibilidade real de efetivar toda a estrutura de educação doméstica aplicada no âmbito pessoal – ao jovem Emílio – e garantir seu êxito no contexto social. O resultado desta pesquisa é a demonstração de que o sistema de educação ética proposta por Rousseau estabelece uma via real para solucionar a corrupção moral tão enraizada na sociedade civil. As obras que alicerçam a presente pesquisa são: *Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens* (1755), *Emílio ou da educação* (1757) e *Do contrato social* (1757), de autoria do filósofo suíço Jean-Jacques Rousseau.

Palavras-chave: Educação; Ética; Moralidade; Sociedade.

Abstract: The subject of this research is the education system developed by the Swiss philosopher Jean-Jacques Rousseau (1712-1778). The problem to be investigated is the following: how education in the individual context of the subject resolves the contradictions and moral challenges for the realization of a society whose composition of the political body will not be corrupted. The general objective is to investigate how Rousseau seeks to ensure the real possibility of implementing the entire structure of domestic education applied at a personal level – to the young Emilio – and guaranteeing its success in the social context. The result of this research is the demonstration that the ethical education system proposed by Rousseau establishes a real path to solving the moral corruption so deeply rooted in civil society. The works that support this research are: *Discourse on the origin of inequality between men* (1755), *Emile or education* (1757) and *On the social contract* (1757), written by the Swiss philosopher Jean-Jacques Rousseau.

Keywords: Education; Ethic; Morality; Society.

INTRODUÇÃO

O filósofo suíço Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) se ocupou de muitos assuntos e temas relevantes em sua época e ainda nos dias atuais como, por exemplo, a educação, a

política e a liberdade. A conduta do sujeito diante da sociedade em que vive é um tema significativo dentro de sua obra.

O genebrino investigou a corrupção existente na construção da sociedade civilizada, o estado civil, analisando as condições dadas no que existia em uma hipotética configuração anterior, chamada por ele de estado de natureza, e as modificações permanentes sofridas e causadas pela formação dos sujeitos civilizados. Para entender o que Rousseau escreveu sobre este assunto é possível trilhar alguns caminhos diferentes e igualmente importantes entre si. A investigação da educação elaborada por Rousseau e a sua aplicabilidade efetiva no ambiente social é o caminho a que este estudo propõe a percorrer.

Jean-Jacques Rousseau apresenta um grave problema na educação: uma instrumentalização do conhecimento científico inadequado e ineficaz para a construção virtuosa e efetiva da moralidade da criança a ser educada. No sistema de educação proposto por Rousseau é preservada a relação do sujeito a ser educado com o seu próprio ser até que este tenha idade (doze anos) e condições morais suficientes, para que, quando for introduzido no convívio social, não se perca na sociedade que não foi preservada como ele foi. O tratado de Rousseau sobre educação é também uma crítica à instrumentalização e utilização inadequada das ciências.

Comumente se analisa a teoria filosófica de Rousseau acerca da educação partindo da perspectiva pedagógica. É, de fato, o primeiro aspecto que requisita a atenção do leitor na obra *Emílio ou da educação* (1757). Mas, não é o único. Há um empenho do genebrino de atribuir à educação a possibilidade de preparar o sujeito para não ser corrompido pela sociedade em que é partícipe. Isso se torna possível e viável, de acordo com Rousseau, através de uma formação humana orgânica do sujeito em seus diferentes níveis e complexidades. É preciso, entretanto, respeitar o curso natural de desenvolvimento do educando; somente assim, de acordo com Rousseau, a formação do jovem cidadão será feita adequadamente. Há, portanto, uma falha grave no sistema de educação civil quando o tempo de desenvolvimento natural é desrespeitado com lições e teorias que, segundo Rousseau, para a criança, são vazias.

É possível entender quais são os elementos que formam o arcabouço que dá suporte ao pensamento de Rousseau no tocante a educação e formação moral. Para tanto, é importante perceber que, para Rousseau, o sujeito não é um indivíduo isolado e independente da

sociedade em que vive; ele a compõe. Ainda que o jovem Emílio seja isolado no campo e privado do convívio social até os doze anos de idade, ele é preparado para ser integrado à sociedade. Isolar este jovem que deve ser educado é uma medida pensada para preservá-lo daquilo que ele ainda não está preparado para lidar – a corrupção social humana.

Rousseau apresenta sua proposta de formação humana e social através da educação defendendo as fases extremamente importantes tanto do amadurecimento do indivíduo quanto do que deve ser ensinado em cada momento da vida. A delimitação que o filósofo genebrino faz do que é natural e a definição do que compreende como sendo do âmbito social proporciona o problema da formação do indivíduo, quais os objetivos dessa educação e as perdas e ganhos tanto da preparação de homens, no âmbito pessoal, quanto da instrução de cidadãos, no contexto social.

É o processo de formação que vai preparar o homem para viver em sociedade preservando seus instintos naturais, suas paixões, mas adequando-as às regras e normas sociais para preservar seu bem primeiro, a liberdade. Adequar os instintos, as paixões provenientes do estado de natureza às necessidades e regras estabelecidas socialmente, no estado civil, também é um desafio e uma função da educação.

UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO MORAL EM JEAN-JACQUES ROUSSEAU

De acordo com Rousseau, a sociedade civilizada estimula uma corrupção moral inexistente na natureza e, com isso, acaba por permitir uma desigualdade política, expressamente diferente daquela gerada na natureza – que se constitui por um aspecto físico. A desigualdade presente na sociedade é moral e política. A educação, para Rousseau, tem como objetivo maior preparar o sujeito para a efetiva convivência social e participação política pautada em preceitos éticos, a fim de superar a desigualdade civil e a degeneração moral. E todo o projeto de Rousseau de uma educação ética está pautada e direcionada para o desenvolvimento da capacidade de não se distanciar das características da natureza, ou seja, cultivar no jovem educando sua essência.

É na efetivação das relações sociais, no convívio com outros cidadãos que está o maior desafio a ser enfrentado pelo jovem aluno personificado na figura protagonista da obra que o apresenta: Emílio. Desafio também para todo o sistema de educação proposto por



Rousseau. Como indivíduo, Emílio se desenvolveu até o estágio que Rousseau chama de “a idade da razão” no isolamento, para conhecer a si mesmo e desenvolver suas potencialidades naturais. Como espécie, o jovem vai conviver com outros indivíduos e, somente assim, poderá validar o que aprendeu controlando as suas paixões:

Nossas paixões são o principal instrumento de nossa conservação; portanto, é uma tentativa tão vã quanto ridícula querer destruí-las; é governar a natureza, [...] Nossas paixões naturais são muito limitadas, são os instrumentos de nossa liberdade, tendem a nos conservar. Todas as paixões que nos subjugam e nos destroem vêm-nos de outra parte; a natureza não no-las dá, apropriamo-nos delas à sua revelia. (ROUSSEAU, 2014, p. 285).

Integrado à sociedade, Emílio será provocado pelas paixões oriundas do estado civil: as paixões não naturais como, por exemplo, a vaidade, o amor-próprio e o desejo de se sobrepor a outros cidadãos quando da comparação entre eles. Emílio precisará recorrer sempre à sua sensibilidade natural, protegida pela fase do sistema pedagógico de Rousseau chamada de educação negativa:

[...] um jovem educado numa feliz simplicidade é levado pelos primeiros movimentos da natureza na direção das paixões ternas e afetuosas; seu coração compassivo comove-se com os sofrimentos de seus semelhantes; sente arrepios de alegria quando revê seu camarada, seus braços sabem achar abraços carinhosos, seus olhos sabem derramar lágrimas de ternura; é sensível à vergonha de desagradar, ao remorso de ter ofendido. (ROUSSEAU, 2014, p. 300).

E Rousseau reforça o argumento da necessidade de educar garantindo a liberdade que, segundo ele, é proveniente do estado de natureza:

Antes que os preconceitos e as instituições humanas tenham alterado nossas inclinações naturais, a felicidade das crianças e dos homens consiste no uso de sua liberdade. (...) Quem faz o que quer é feliz quando basta a si mesmo: é o caso do homem que vive no estado de natureza. (ROUSSEAU, 2014, p. 82).

Para o genebrino, os grandes problemas sociais e, portanto, de ordem humana, parecem se concentrar no fato de os homens, ao longo do tempo, terem se distanciado da natureza e, assim, de sua essência originária. Um problema de formação tanto do indivíduo quanto da sociedade. Uma falha grave no sistema operacional da educação das crianças e

dos jovens que permite – e até mesmo proporciona – a aparência em detrimento da essência, ou seja, a corrupção, característica da sociedade civilizada.

O homem civil, de acordo com Rousseau, é aquele que passou por um processo de desnaturação, isto é, teve sua existência absoluta na natureza deslocada para uma existência relativa, em sociedade:

É preciso observar, porém, que a sociedade iniciada e as relações já estabelecidas entre os homens exigiam deles qualidades diversas daquelas que deviam à sua constituição primitiva; que começando a moralidade a introduzir-se nas ações humanas, e constituindo cada um perante as leis o único juiz e vingador das ofensas que recebia, a bondade que convinha ao estado puro de natureza não era mais a que convinha à sociedade nascente [...] (ROUSSEAU, 2005c, p. 93).

Isto é, o cidadão corrompido é aquele homem que, pela convivência com os outros homens, está bem longe dos seus atributos naturais. Assim como a estátua de Glauco¹ está irreconhecível pela ação dos elementos externos o cidadão age em desacordo com a sua verdadeira natureza. Por causa disso, este homem não se percebe mais como um ser integrante da natureza, voltado para as coisas do mundo e para si mesmo. Em sociedade, o homem é apenas uma parte do todo, ou seja, é apenas um componente da sociedade:

Como a estátua de Glauco, que o tempo, o mar e as intempéries tinham desfigurado de tal modo que se assemelhava mais a um animal feroz do que a um deus, a alma humana, alterada no seio da sociedade por milhares de causas sempre renovadas, pela aquisição de uma multidão de conhecimentos e de erros, pelas mudanças que se dão na constituição dos corpos e pelo choque contínuo das paixões, por assim dizer mudou de aparência a ponto de tornar-se quase irreconhecível e, em lugar de um ser agindo sempre por princípios certos e invariáveis, em lugar dessa simplicidade celeste e majestosa com a qual seu autor a tinha marcado, não se encontra senão o contraste disforme entre a paixão que crê raciocinar e o entendimento delirante. (ROUSSEAU, 2005c, p. 43).

Há, entretanto, a possibilidade de blindar moralmente o coração do jovem cidadão para que este não seja corrompido ao começar a conviver em uma sociedade que já está

¹ No prefácio do *Segundo Discurso* (Cf. ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Volume II. Coleção Os Pensadores. Trad. de Lourdes Santos Machado. São Paulo: Nova Cultural, 2005c. P. 43) Rousseau menciona a metáfora da estátua de Glauco utilizada por Platão em sua obra *A República*, Livro X (Cf. PLATÃO. *A República*. Coleção Os Pensadores. Trad. De Enrico Corvisieri. Ed. Nova Cultural. São Paulo, 2004).

imersa na corrupção. Essa possibilidade, todavia, se efetiva no âmbito da educação doméstica – chamada por Rousseau de educação negativa. Mas, como Rousseau resolve o problema de aplicação desta moralidade construída de maneira isolada ao transpô-la para o âmbito social? O genebrino parece acreditar que é possível contornar a situação da degradação humana através da educação aplicada da maneira correta. Rousseau aposta, de fato, em uma reconfiguração tanto da moralidade do indivíduo quanto da sociedade através de um sistema adequado e eficiente de educação:

O objetivo que devemos nos propor na educação de um jovem é o de formar-lhe o coração, o juízo e o espírito; e isto na ordem em que estou citando. A maioria dos mestres, sobretudo os pedantes, veem a aquisição e o empilhamento das ciências como único objeto de uma bela educação [...] (ROUSSEAU, 1994, p. 45).

O convívio social com outros homens faz com que sentimentos provenientes dessa convivência surjam e, a partir daí, as paixões naturais sofrem um processo de modificação. Comparação, vaidade, egoísmo, ostentação e desigualdade são alguns dos elementos sociais que não se encontram no estado de natureza.

A investigação sobre qual é a origem da desigualdade social, de acordo com o pensamento do genebrino, culmina na conclusão de que é a propriedade privada, a fonte da desigualdade social. Mas, a questão não é tão simplória quanto apenas ter ou não ter a propriedade de alguma coisa. Rousseau expõe o entorno da situação. Um dos problemas levantados pelo pensador em questão é o do ser e parecer. Em um jogo social de aparências, o cidadão mostra-se não mais como é de fato. E passa tanto tempo agindo desta forma que acaba por se esquecer de si mesmo, isto é, passa tanto tempo cultivando uma aparência social que acaba por se esquecer de sua essência verdadeira. Dessa maneira, Rousseau acusa o homem de se distanciar da natureza e, assim, se corromper:

Não se ousa mais parecer tal como se é e, sob tal coerção perpétua, os homens que formam o rebanho chamado sociedade, nas mesmas circunstâncias, farão todos as mesmas coisas desde que motivos mais poderosos não os desviem. Nunca se saberá, pois, com quem se trata: será preciso, portanto, para conhecer o amigo, esperar pelas grandes ocasiões, isto é, esperar que não haja mais tempo para tanto, porquanto para essas ocasiões é que teria sido essencial conhecê-lo. (ROUSSEAU, 2005b, p. 192).

Enquanto o homem natural que age por instinto é bom por natureza, o cidadão que

reflete, medita, segundo Rousseau, em sociedade é um animal depravado. Mas, são dois aspectos do mesmo homem, já que naturalmente sua essência é boa e socialmente é corrompido. Rousseau exerce sua crítica neste ponto ao mau uso que o cidadão faz das ciências e das artes: de acordo com o genebrino, a sociedade – corrompida – utiliza os conhecimentos científicos, artísticos e filosóficos para deturpar os costumes sociais promovendo os vícios, frutos da vaidade e do amor-próprio, tão danosos para todos em detrimento das virtudes, que ficam enfraquecidas. De acordo com Rousseau,

Onde não existe nenhum efeito não há nenhuma causa a procurar; neste ponto, porém, o efeito é certo, a depravação é real, e nossas almas se corromperam à medida que nossas ciências e nossas artes avançaram no sentido da perfeição. (ROUSSEAU, 2005b, p. 193).

A convivência social, para Rousseau, deteriora a consciência moral do sujeito. Mas, em contrapartida, e paradoxalmente, a consciência moral pode enriquecer a convivência social. É para isso que Emílio é educado. Esta é a função do sistema de educação proposto por Rousseau. A sociedade corrompe o homem porque ele, o homem, se perde de si para estabelecer uma consciência social. A ideia presente na educação do Emílio é justamente dar tempo à criança para que esta se conheça, se perceba, desenvolva sua própria consciência e não se corrompa no decorrer do seu convívio social:

A natureza quer que as crianças sejam crianças antes de serem homens. Se quisermos perverter essa ordem, produziremos frutos temporões, que não estarão maduros e nem terão sabor, e não tardarão em se corromper; teremos jovens doutores e crianças velhas. (ROUSSEAU, 2014, p. 91).

Sendo assim, educar o sujeito é, para Rousseau, sobretudo, prepará-lo para uma prática cidadã e uma convivência social íntegra, ética e moralmente não corruptível. Rousseau nega a desigualdade política como um fator natural. A desigualdade, portanto, é fruto da convivência social. Para Rousseau, antes da vida em sociedade é necessária a educação do indivíduo, do sujeito. Como transformar o homem, sujeito natural, total em sua constituição na natureza, em cidadão virtuoso, sujeito integrante de uma sociedade, na qual é somente uma fração? De acordo com Rousseau,

O homem natural é tudo para si mesmo; é a unidade numérica, o inteiro absoluto, que só se relaciona consigo mesmo ou com seu semelhante. O homem civil é apenas uma unidade fracionária que se liga ao denominador,

e cujo valor está em sua relação com o todo, que é o corpo social. (ROUSSEAU, 2014, p. 11).

Como se dá o processo da educação de acordo com o genebrino? Através de, primeiramente, uma pedagogia negativa, seguida por outra fase da educação chamada de pedagogia positiva, detalhadas em sua obra *Emílio ou da educação* (1757). Este sistema de educação pensado por Rousseau surge com o intuito de promover a desnaturalização do homem, ou seja, distanciá-lo do seu estado de natureza e aproximá-lo de um estado civil, social. Não se trata de um esforço para negar ou suplantar a condição humana natural e sim promover a adequação dos instintos primeiros às convenções e demandas civis com o intuito de permitir ao homem aquilo que é seu primeiro bem e que deve ser preservado: a liberdade. Sobre a relação da educação com a liberdade, Rousseau aponta:

...o primeiro de todos os bens não é a autoridade, mas a liberdade. O homem verdadeiramente livre só quer o que pode e faz o que lhe agrada. Eis a minha máxima fundamental. Trata-se apenas de aplicá-la à infância, e todas as regras da educação decorrerão dela. A sociedade enfraqueceu o homem não apenas lhe tolhendo o direito que tinha sobre suas próprias forças, mas, sobretudo tornando-as insuficientes. (ROUSSEAU, 2014, p. 81).

Chegando o momento de conviver socialmente, será preciso retirar Emílio do isolamento doméstico, rural, para desenvolver nele a sociabilidade. Desenvolver a sociabilidade no Emílio significa despertar nele sua consciência moral. Para Rousseau se, por um lado, não é nem possível e nem desejável o retorno à vida selvagem, por outro lado, é imprescindível fundamentar um estado civil a partir de indivíduos preparados, educados como o Emílio. Ou seja, sujeitos formados para superar a corrupção moral instalada na sociedade.

COCLUSÃO

Além disso, a teoria de Rousseau aplicada à sociedade contemporânea é capaz de reestruturar os princípios da educação, ou seja, a sua importância e a sua magnitude acerca do que é capaz de fazer. Não são os métodos, são os princípios e pressupostos defendidos por Rousseau e atribuídos à educação que importam. Educar as crianças e não meramente instruí-las é prepará-las para serem pessoas, humanas, livres e felizes.

Em uma época como a atual, frente ao imenso lugar que a tecnologia toma na vida das famílias, resgatar e aplicar a descoberta do mundo através dos sentidos, de maneira orgânica, defendida por Rousseau em seu sistema de educação, é desafio árduo a se superar frente à formação das crianças, cada vez mais novas, passando grande parte do tempo distraídas, viciosamente entretidas, com jogos virtuais.

Em tempos onde as redes sociais são a verdadeira sociedade do espetáculo, as aparências reinantes, a detonação alucinada de opiniões sem fundamentação, as *fake news*, em que o homem vive fora de si, alienado. Na atualidade, ser e parecer são totalmente distantes e – até – antagônicos.

Para os adultos, que não tiveram a chance de serem preparados como Emílio, este estudo é um convite para entrar em contato consigo mesmo, se reconectar a si de novo. E isso surge com o afastamento social, ou seja, o isolamento. Nos dias atuais, escapar de todo o apelo tecnológico. A sociedade corrompe o homem, de acordo com Rousseau, porque o homem, se perde de si para estabelecer uma consciência social.

É necessário ressaltar e fortalecer a ideia presente na educação do Emílio que é justamente dar tempo à criança para que esta se conheça, se perceba, desenvolva sua própria consciência. A consciência social, para Rousseau, deteriora a consciência moral do sujeito. Mas, em contrapartida, a consciência moral pode enriquecer a consciência social. É para isso que Emílio é educado.

Fomentar uma formação moral, mais do que a transmissão de conteúdos distribuídos em componentes curriculares como é realizada nos dias atuais. Isso passa por construir valores como os ensinados por Rousseau a seu aluno Emílio: piedade, compaixão, amor de si mesmo; consciência moral, simplicidade natural, virtudes e potencialidades oriundas da natureza e essência em detrimento das aparências viabilizariam uma sociedade de Emílios, preparada para sentir e ser, não mais para dominar e parecer.

Segundo o filósofo genebrino, a instrução que sobrecarrega a criança com conhecimentos científicos e filosóficos passa a ser um elemento que contribui para a corrupção do aluno. De acordo com Rousseau, a criança não precisa de uma educação que tagarela um aglomerado de palavras que não possuem sentido algum no momento da vida em que o aluno se encontra. Não respeitar o tempo de a criança ser criança é o erro maior

que se comete no sistema educacional dado como está na contemporaneidade. É preciso deixar a natureza agir no tempo dela, ou seja, cada fase do desenvolvimento da criança precisa acontecer naturalmente. Ao dizer que o Emílio deve sentir o mundo, brincar, conhecer por si só o ambiente que o cerca, Rousseau está a demonstrar um fio de esperança também para os dias de hoje.

REFERÊNCIAS

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *As confissões*. Trad. de Wilson Lousada. São Paulo: Martin Claret, 2011.

_____, *Carta a Christophe de Beaumont e outros escritos sobre a religião e a moral*. Trad. de José Oscar de Almeida Marques... (et. al.), São Paulo: Estação Liberdade, 2005a.

_____, *Considerações sobre o governo da Polônia e sua reforma projetada*. Trad. de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Brasiliense, 1982.

_____, *Discurso sobre as ciências e as artes*. Volume II. Coleção Os Pensadores. Trad. de Lourdes Santos Machado. São Paulo: Nova Cultural, 2005b.

_____, *Discurso sobre a economia política*. Trad. de Maria Constança Peres Pissarra. Petrópolis: Vozes, 2017. (Vozes de Bolso).

_____, *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Volume II. Coleção Os Pensadores. Trad. de Lourdes Santos Machado. São Paulo: Nova Cultural, 2005c.

_____, *Do contrato social*. Volume I. Coleção Os Pensadores. Trad. de Lourdes Santos Machado. P. 45-243. São Paulo: Nova Cultural, 2005d.

_____, *Emílio ou da educação*. Trad. de Roberto Leal Ferreira. São Paulo. 4ª Ed. Martins Fontes, 2014.

_____, *Ensaio sobre a origem das línguas*. Volume I. Coleção Os Pensadores. Trad. de Lourdes Santos Machado. P. 245-332. São Paulo: Nova Cultural, 2005e.

_____, *Júlia ou a nova Heloísa*. Trad. de Fúlvia M. L. Moretto. São Paulo-Campinas: Editora da Unicamp-Hucitec, 1994a.

_____, *Os devaneios do caminhante solitário*. Trad. de Júlia da Rosa Simões. Porto Alegre: L&PM, 2008.

_____, *Prefácio de Narciso ou o amante de si mesmo*. Coleção Os Pensadores. Trad. de Lourdes Santos Machado. P. 289-302. São Paulo: Nova Cultural, 2005f.

_____, *Projeto para a educação do senhor de Sainte-Marie*. Trad. de Dorothée de Bruchard. Porto Alegre: Editora Paraula, 1994b.

Secundárias:

BARROS, Gilda Naécia Maciel de. *Platão, Rousseau e o Estado Total*. São Paulo. T.A. Queiroz. 1995.

DOZOL, M.S. *Rousseau, Educação: a máscara e o rosto*. Petrópolis: Vozes. 2006.

CASSIRER, Ernst. *A questão Jean-Jacques Rousseau*. Trad. de Erlon José Paschoal e Jézio Gutierre. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

FORTES, Luiz Roberto Salinas. *Rousseau: o bom selvagem*. São Paulo: FTD, 1989.

DALBOSCO, Cláudio A. *Condição humana e educação do amor-próprio em Jean-Jacques Rousseau*. São Paulo; Edições Loyola, 2016.

_____, (Org.) *Filosofia e educação no Emílio de Rousseau: o papel do educador como governante*. Campinas: Editora Alínea, 2011.

DERATHÉ, Robert. *Jean-Jacques Rousseau e a ciência política de seu tempo*. Trad. de Natália Maruyama. São Paulo, Edições Bacarolla – Discurso Editorial, 2009.

KUNTZ, Rolf. *Fundamentos da teoria política de Rousseau*. São Paulo: Editora Barcarolla, 2012.

MARUYAMA, Natália. *A contradição entre o homem e o cidadão: consciência e política segundo J.-J. Rousseau*. São Paulo: Humanitas: Fapesp, 2001.

PISSARRA, Maria Constança Peres. *Rousseau – a política como exercício pedagógico*. (Coleção Logos). São Paulo: Moderna, 2002.

PLATÃO. *A República*. Coleção Os Pensadores. Trad. De Enrico Corvisieri. Ed. Nova Cultural. São Paulo, 2004.

ROLLAND, Romain. *O pensamento vivo de Rouseeau*. Trad. de J. Cruz Costa. 2ª Ed. São Paulo: Editora Livraria Martins, 1943.

STAROBINSKI, Jean. *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo seguido de sete ensaios sobre Rousseau*. Trad. de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

STRECK, Danilo R. *Rousseau & a educação*. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.